

1 — *SER LISBOETA, HOJE*

O que é conhecer a cidade? O que é conhecer Lisboa, ser lisboeta?

Ontem era saber da Barros Queiroz a curiosidade pedestre, saber a melhor ginjinha no Arco de Bandeira, onde ficava o Maxim's ou o Nina, como ir a pé — depressa — da Praça da Alegria ao Saldanha, que autocarros tomar, o eléctrico que passava à Estefânia.

Lisboa agora é outra. Conhecê-la é saber atravessar o Monsanto para chegar mais depressa a Benfica; como vir de Chelas, pelo rio ou por dentro; é conhecer a Segunda Circular e as suas subtilezas, mais as saídas certas da CRIL; fugir ao trânsito de Carnaxide; como ir ao Jumbo ou à Makro a horas mortas; onde estacionar nas Amoreiras; chegar aos King's à pressa, a tempo de ver um filme.

Ser lisboeta, hoje, é, para além do desembaraço de guiar um grupo de amigos pelos segredos de Alfama numa noite de St^o António, saber também aparecer em frente à Casa dos Bicos à hora do almoço, ou como passar da Amadora à Damaia, sem esforço, à procura de um laboratório de fotografias.

Ser lisboeta, hoje, é conhecer os segredos de Oeiras, o caminho para o Estádio do Benfica, chegar às Telheiras, onde fica o Carrefour ou o Centro Português de Design ou o Museu do Traje.

Ser lisboeta é parar sempre o carro à porta do Papa Açorda para ir ao Casanova ou ao Frágil e sair suficientemente sóbrio para encontrar, às quatro da manhã, na Calçada do Combro, a casa certa onde no terceiro andar se serve cachupa enquanto o disco da Cesária Évora toca «sôdade»; é saber a que horas passa o Sérgio Godinho no Ritz ou os Catitas muito tarde no Cinearte; saber quanto se dá a um ar-

rumador na Vinte e Quatro de Julho, ou onde se vendem os computadores mais baratos numa loja de Moscavide, o melhor bife na pedra na Pontinha, o melhor fado, ainda em Alfama, mas fora dos circuitos turísticos; ser lisboeta e conhecer Lisboa é difícil para quem não conhece a cidade, mas simples para um lisboeta.

O lisboeta verdadeiro deve chegar ao Porto e perder-se.

Só deve saber orientar-se se for posto na Boavista e, mesmo assim, deve passar sempre pelo menos duas vezes pela mesma radial praguejando o ter-se enganado. O lisboeta verdadeiro, se lhe tirarem a Boavista, no Porto, perder-se-á necessariamente, porque a cidade complexa não lhe é tão familiar como Lisboa e embora conheça os truques de levar namoradas ao alto da Serra do Pilar e saiba estacionar na Ribeira a caminho do Aniki Bóbó, fica-lhe bem confundir a Constituição com a Trinta e Um de Janeiro e, baralhando sempre todos os referentes republicanos, andar de boca aberta perante a beleza do Porto a perguntar para que lado fica a Boavista. O lisboeta verdadeiro quando chega ao Porto chama Castelo do Queijo a todos os castelos de costa que vê e teima que o restaurante da Boa Nova de Siza fica em Matosinhos e não em Leça.

O lisboeta verdadeiro sabe vagamente que o aeroporto do Porto fica para norte, mas nunca acerta com o caminho e chama-lhe sempre Pedras Rubras.

Mas o lisboeta verdadeiro também se perde em Lisboa.

A cidade, o *lugar-cidade*, coloca armadilhas mesmo aos seus mais autoconfiantes naturais.

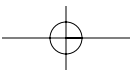
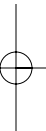
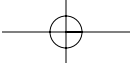
O lisboeta verdadeiro deve perder-se nas Avenidas Novas quando elas trocam o sentido das malhas e se inscrevem oblíquas e diagonais à volta do radical Valmôr.

O lisboeta verdadeiro conhece pior a Mouraria que Alfama, mas não dá o braço a torcer e leva os amigos turistas pelo menos até à Rua do Capelão, aproveitando para dizer mal do Martim Moniz. O lisboeta verdadeiro não sabe como atingir certos pontos da colina do Castelo que vê das outras colinas por onde passa; o lisboeta verdadeiro, aliás, foi ao Castelo de S. Jorge apenas uma ou duas vezes quando tinha poucos anos, com os pais, e tem uma ideia vaga dos pavões, dos flamingos e das tartarugas gigantes; sabe nebulosamente que o Jardim Zoológico, ali à beira de Sete Rios, por onde passa agora o eixo *norte-sul*, tinha, pelos menos antigamente, um elefante que passeava garotos e um cemitério de cães. Nunca mais lá terá ido, também, confiando às escolas o papel de cravar memórias nos seus filhos lisboetas.

O lisboeta verdadeiro baralha-se sempre um pouco quando o convidam para restaurantes chamados Tony da Buraca ou Chico de Fernão Ferro.

O lisboeta verdadeiro — a não ser que já tenha nascido nos Olivais — perde-se sempre quando tenta atravessar os Olivais.

Cesária Évora, «Mar Azul» (B. Leza)
(12/4/96)



2 — LISBOA MODERNISTA

Lisboa — que prazer seguir a carreira 28, dos eléctricos, começando na Estrela, descendo em velocidade a Calçada, numa manhã de sol de sábado, passar S. Bento, subir o Combro até ao Calhariz, guinar no Camões, voltar no Chiado, seguir a António Maria Cardoso e depois voltar a descer, como numa montanha russa; seguir pela Conceição, passar a Madalena, torneiar em St^o António e na Sé, voltar de novo, o Limoeiro, St^a Luzia, Escolas Gerais, raspar na roupa pendurada, raparigas que se recolhem ligeiramente secando os cabelos com as mãos quando o eléctrico passa junto às janelas, até aportar a S. Vicente de Fora; e sair, para o meio do povo, dos turistas, dos vendedores de coisa nenhuma ou de coisas fantásticas, andar por ali, a pé, Feira da Ladra, a ver o rio, o mar da palha atrás dos arcos, o sol que se reflecte nos azulejos que os prédios brilham. Quantas sombras a cidade faz nos perfis que vemos? Quanta luz gasta para nos devolver o sombreado das dobras, das esquinas, dos ressaltos da sua arquitectura?

É no meio desta Lisboa assim descrita, no meio destes chamados bairros históricos ou populares ou tradicionais, no meio deste emaranhado de ruas antigas, revoltas, tortuosas, adaptadas às colinas, enlaçadas nas colinas ou íngremes e menos racionais, igualmente belas e cheias de arquitectura à volta a significá-las que, de quando em quando, com uma periodicidade que parece propositada ou programada, vemos um daqueles modestos pequenos edifícios modernistas que preencheram os anos quarenta da nossa arquitectura civil.

Terá sido Cassiano Branco, esse grande arquitecto de Lisboa, que, com o carisma e a força que imprimiu a conjuntos mais contínuos e encostados de edi-